

# LEODEGÁRIO: PROFESSOR, FILÓLOGO, ENSAÍSTA, CONTISTA E POETA

**Luiz Cesar Saraiva Feijó  
(UERJ, UFF, ABRAFIL)**

Leodegário foi meu professor, na UERJ. Formei-me em Letras Clássicas, 1960. Ele me ensinou muitas coisas. Literatura Portuguesa, Teoria Literária, Análise Textual, Análise Literária, Análise Linguística, Análise Estilística e muito mais. Ensinou-me a ser também professor. Quando terminavam as aulas, saíamos conversando sobre o assunto desenvolvido em sala e muitas outras coisas. Eu e o Antônio Malveira, entre outros colegas de Curso, estávamos sempre conversando com o Professor Leodegário, no pátio do novo prédio da UERJ, na Rua do Bispo. Às vezes íamos juntos à casa do Professor Joaquim Ribeiro, ali perto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Rua Caruso, quase esquina da Rua Haddock Lobo.

Uma vez, nós três fomos a pé, da Faculdade até a Praça da Bandeira, para assistirmos ao último comício, no Rio, da campanha de Jânio Quadros à Presidência da República. Conversávamos sobre tudo. O mestre dava muita atenção aos seus alunos e nunca deixava de responder às perguntas de qualquer tipo, mesmo as mais redundantes. Sua casa sempre estava aberta aos amigos e sua vastíssima biblioteca nos apontava as mais significativas obras, tirando nossas dúvidas e colocando-nos a vontade de adquirir todos os livros constantes das bibliografias recebidas pelos professores de todas as disciplinas de nosso Curso.

Imitamos o Professor, dentro de nossas possibilidades e também construímos nossas bibliotecas. Educar pelo exemplo e socializar pelo envolvimento. Assim, frequentamos seu apartamento do Humaitá, no Largo dos Leões, e depois na Lagoa, na Avenida Eptácio Pessoa. Neste último, o professor morou o maior período de tempo de sua vida. Lá, as festas eram memoráveis! Lá, nos reuníamos até altas horas da madrugada escrevendo livros. O mestre nos ensinou a produzir textos e a publicação dos livros em co-autoria foi significativa. Escrevemos juntos muitos livros didáticos. Leodegário sabia como motivar o aluno e com a Didática Especial da Língua Portuguesa conseguiu seu primeiro prêmio específico: uma viagem a França, para especialização.

No campo editorial, Leodegário tinha muitos amigos sinceros, mas as exceções se aproveitaram de sua pureza de espírito e honestidade, porque o mestre nunca deixou de acreditar nos homens, julgando-os sempre, a prova em contrário, pessoas de bem. A todos julgava pelo seu caráter reto e ilibado. Então, pior para as exceções, aproveitadores do efêmero, que perderam a maravilhosa oportunidade de se relacionar dignamente com um homem probo. Por isso mesmo passarão às nossas histórias de vida

como pulhas oportunistas.

Leodegário amava os livros e os pássaros. Um dia, fomos a um subúrbio distante do Rio de Janeiro atrás de um ovo, talvez o resultado do cruzamento de um tiziu, um pássaro miúdo e preto, com uma canária rouler cinza. Leodegário, canaricultor de carteirinha tentava conseguir, em cativeiro, um canário negro, inédito na natureza. Desse seu “hobby” favorito aos estudos lingüísticos sempre se comportava com método e disciplina, instrumentos indispensáveis à pesquisa.

O Professor foi um pesquisador emérito. Dos textos quinhentistas ao poema-processo, dos primórdios de nossa literatura, das antigas trovadorescas, até o verso moderno, sempre procurou o enfoque e a teoria certa para justificar uma hipótese literária, lingüística ou filológica. Foi assim com a lírica de Camões. Com a morte precoce do jovem pesquisador dessa área, Emmanuel Pereira Filho, falecido em 1968, Leodegário assumiu com a comunidade acadêmica o compromisso de continuar esse árduo e difícil trabalho investigativo. Foram anos e anos de estudos, até receber o convite da Casa da Moeda de Portugal para a publicação de sua pesquisa sobre a Lírica de Camões. Foram publicados oito volumes, verdadeiras preciosidades no âmbito da crítica textual e filológica, sempre aplaudidas pelos especialistas internacionais, com significativos e abalizados comentários em jornais e revistas de todo o país e do mundo inteiro. Deixou, no entanto, incompleta sua pesquisa, que dizia ser infundável...

Leodegário era um homem muito atencioso e prestativo. Quando o assunto era cultura humanística, aí mesmo é que ele se desdobrava em tentar resolver as dúvidas de seus alunos, que logo se transformavam em amigos. Assim, muito educado, sempre acreditando em todos aqueles que dele se aproximavam, sem maldade no coração, não discriminava ninguém e sempre solícito a qualquer indagação, não me espantou a imensa atenção que dispensou a um pobre homem, um pedinte, meio louco, que pedia esmolas no pátio da Faculdade e que entrara pelo portão daquele novo edifício da nossa EURJ, sempre democraticamente aberta a todos, numa época de pouca ou quase nenhuma violência. O cidadão o abordou com uma estranha conversa. Foi há muitos anos e eu nunca mais esqueci. Um diálogo bastante surrealista:

HOMEM - Eu tenho um azul. Você quer? Está dentro de minha mão!

LEODEGÁRIO - Quer o quê ? Não entendi bem!

HOMEM - Um azul! É lindo!

LEODEGÁRIO- Não, companheiro, obrigado, hoje eu não quero esse azul!

Para Leodegário, todos eram “companheiros”. Era como ele designava o seu próximo, o seu interlocutor, de maneira afetiva, pelo significado etimológico desse termo e não pelo sentido popular, hoje muito em voga e vulgarizado.

De um inusitado encontro e de um diálogo inesperado, Leodegário tirava sempre um mote para sobre ele transfigurar a realidade. Disse-me que iria refletir sobre aquele diálogo e o transformaria talvez em poesia... Não conversamos mais sobre o fato. Muitos anos depois, ao ler um conto seu, percebi que nele poderia estar a promessa concretizada da transformação daquele azul, já quase desbotado pelo tempo, numa outra realidade, agora transfigurada, com um novo significado, logo, poesia.... Não sei ao certo se isso aconteceu em Sumarina, mas muito tempo depois, quando li esse conto, lembrei-me também de um verso de Augusto dos Anjos, que tecia o emaranhado Lamento das Coisas, e se prostrava “no rudimentarismo do Desejo”... Confesso. Quase tive certeza!

Todos conhecem o Leodegário filólogo, teórico da literatura, especialista em Luís de Camões, professor de Língua Portuguesa, pesquisador da métrica e do ritmo de nossos mais significativos poetas, mas poucos conhecem a sua acurada sensibilidade para criar o belo. Leodegário esteticamente criou significativos textos poéticos, sendo premiado, inclusive, em concursos literários, como, por exemplo, um, do qual também participei promovido por Gilson Amado, nos idos de 1964. O Leodegário de Sumarina, que teve três edições recentes, já estava presente no Leodegário de O Pente Branco, publicado na década de 60.

Sumarina é um conto de Leodegário A. de Azevedo Filho, com edições em 1991, 1998, 2003 e prefácio-poema de Jane Maleck. Como o próprio autor o caracteriza, trata-se de um ensaio filosófico ou ficção-ensaio. Seu discurso atua na intersecção entre a filosofia e a ficção literária, um entre-lugar, abrangendo os discursos ideológico, onírico e literário. O conto é dedicado à memória de Clarice Lispector e de Vergílio Ferreira, seus amigos que partiram muito cedo.

Leodegário processa a narrativa com uma sequência de indagações. Perguntas que serão ou não respondidas, mas responsáveis pelas argumentações filosóficas, em todos os macrointervalos de acontecimentos que giram em torno da relação sujeito-tempo-espço, contida na urdidura da enunciação lírico-dramática do conto. Aliás, o conto inicia com a pergunta “Que devo escrever nesta folha em branco?”

A conferência a ser escrita é o “Leitmotiv” encaminhador das reflexões filológicas, semiológicas e estético-ficcionais que denunciam um discurso acadêmico, proporcionando a teorização desses conteúdos, sem engajamento com a teoria do discurso literário, o que poderia acontecer, pela formação doutoral do autor, nessas questões que envolvem os estudos das Letras, do Humanismo e das Artes. O diário é o contraponto, responsável pelas articulações filosóficas e psicanalíticas, mas ambos, diário e conferência, denunciam uma realidade: a profunda sensação de amargura e felicidade ao mesmo tempo, face à existência, como foi prenunciado acima.

O diálogo que o autor estabelece com o leitor desenvolve seu pensamento sobre as coisas tristes e alegres da vida. É o desencadeador da vereda filosófico-ideológica:

“Estaria o absoluto no homem ?”; “O homem é um ser pensante ?”; “Quid est veritas ?”; “A verdade estaria na palavra escrita ?”; “Quem disse que o olho, que vê tudo, não se vê, estaria certo ?”; “E a morte não seria uma libertação ?”; “Para o homem, também haveria liberdade numa prisão ?”; “Será que o homem pode viver sem liberdade, ou só com a liberdade de amar, como o meu canário ?”; “Saberia ele do silêncio que dorme no seio de cada palavra ?”; “Que será erro essencial para um advogada ?”; “A verdadeira felicidade não é sempre clandestina ?”; “Não dizem que o homem existe para a morte ?”; “Deus não é contra o ódio nos corações humanos ?”; “Saberia a flor do trabalho oculto das raízes, no fundo escuro da palavra ?”; “A lágrima não é um encontro do ser consigo mesmo ?”; “Não é visível apenas o que tem cor ?”.

A escritura do conto costura o real (memorialismo/conferência) com a fantasia (imaginário/diário), numa atmosfera sinestésica, onde as palavras têm cores e sons, construindo o texto do conto, “input” da vida. As palavras têm sons, mas “o silêncio é a plenitude da palavra”. E as antíteses vão surgindo com as grandes discussões metafísicas. Surgem entre a fala do autor e sua personagem: “Só a verdade salva, jamais o erro”; “- Só o erro salva”. E a angústia em produzir o texto da conferência, misturada à ansiedade na produção de argumentações teóricas e filosóficas, faz surgir, pela visão da morte (no matadouro à beira da estrada), a grande antítese em Sumarina: tensão entre a vida (“Porque existe sumarina dentro de tudo o que tem vida”) e a morte. Leodegário coloca na boca da personagem Regina, filha do narrador onisciente, o texto mais filosófico e vigoroso do conto: o texto da sumarina, mesclado de denotações e conotações:

“- Você se lembra daquele dia em que passamos por um matadouro, à beira da estrada? Foi lá que eu vi, pela primeira vez, a sumarina. -Mas o que é sumarina - indaguei. E ela: - Sumarina é aquilo que eu vi dentro dos olhos de cada boi que ia morrer, pois todos sabiam que iam morrer. Olhe, nós temos sumarina dentro da gente. Por que razão tudo o que tem vida não quer morrer ? - Porque existe sumarina dentro de tudo o que tem vida. Já reparou bem numa ostra, quando a gente pinga uma gota de limão nela ? Pois bem, a sumarina está dentro da ostra que se contrai toda. E só assim sei que ela está viva....”

Esse contraponto, que aí aparece, pertence à fantasia. Já ao real per-

tence ao personagem Roberto, tingida de significativos elos de verossimilhança com a realidade circundante, vivenciada pelo autor.

O conto, portanto, apresenta, sob este aspecto, onde memorialismo e imaginário se misturam uma conotação simbólica, próximo ao discurso onírico da psicanálise, pois o símbolo, como diz Roland Barthes, é aquele traço de linguagem que desloca o corpo e deixa entrever outra cena, que não é a da enunciação tal como acreditamos lê-la.

Quanto ao ritmo, relação tempo/ação, o autor trabalha como se tivesse o poder de medir, “a priori”, a expectativa do leitor, pois o acelera (o ritmo) após os acontecimentos do Tribunal do Júri, precipitando um final reflexivo. Por sabermos que o que fundamenta o texto não é uma estrutura interna fechada, mas o desembocar do texto em outros textos, em outros códigos, em outros signos, percebe-se no conto Sumarina, de Leodegário A. de Azevedo Filho, a presença significativa do intertextual: “Em seguida, tudo será passado a limpo, para o olho da primeira leitora de tudo o que escrevo”. Machado também se dirigia a leitoras hipotéticas. O conto Sumarina passa antes por modalidades inéditas de textualização, como entrar e sair de vários contextos de sua grande escritura, num vai e vem estilístico de significativa expressividade. Serve para exemplificar a seguinte passagem:

E volto ao diário, mais uma vez deixando a conferência de lado. Minha filha continua a viver com o padre Tomás da Ribalta e são felizes, ao que nos consta. Diz sempre que a verdade seria muito pequena, se fosse do tamanho dela. Roberta mora com a sua religião, a mesma religião que o padre Tomás da Ribalta desprezou. Comunga aos domingos e reza pelos dois: por ela e por ele. Quem seria esse ele? Seria o padre Tomás ou seria o próprio Roberto? Não sei, nem vou apurar nada.

O conto termina em atraente reflexão filosófica, numa angustiante busca pela verdade. Verdade que só pode ser encontrada na alma do poeta que criou personagens fortes, sensíveis e misteriosas. Verdade que também pode se perceber nas metáforas que transformam esferográficas azuis e papel branco em espaços siderais, em constelações de astros de incomensurável grandeza, com a gravidade e a gravitação ordenando mundos tão distantes, e ao mesmo tempo tão dentro de nós, mas não se sabe o que são, não se sabe o que é, não se sabe onde estão...

- Quid est veritas ?

Leodegário Amarante de Azevedo Filho está vagando no infinito espaço sideral do Criador. Agora ele aceitou, depois de muitos anos de vida intelectual honesta e exemplar, aquele AZUL lhe oferecido, ao acaso, por um esmoler, que foi tratado com respeito, consideração e chamado de companheiro. Leodegário dialogava com o absurdo e dele retirava poesia.